



TEOLOGIA PASTORAL COMO TEOLOGIA PÚBLICA¹

Pastoral Theology as Public Theology

Bonnie J. Miller-McLemore²

Resumo: O artigo defende a importância da Teologia Pastoral como Teologia Pública. Os objetivos da Teologia Pastoral precisam ultrapassar as fronteiras individuais, estabelecendo interdependência da saúde pessoal com o melhoramento social. Considerando a relação entre Igreja e Estado e dialogando com várias escolas teológicas, o artigo analisa os rumos da Teologia Pastoral nas últimas duas décadas nos EUA, perguntando por conteúdos, métodos e reconceitualizações da disciplina. Aponta para algumas implicações específicas de forma que a prática dos cuidados pastorais e aconselhamento e a formação de seus profissionais alcancem reconhecimento e relevância de Teologia Pública.

Palavras-chave: Teologia pastoral. Teologia prática. Teologia pública

Abstract: The article defends the importance of Pastoral Theology as Public Theology. The goals of Pastoral Theology need to overcome the individual boundaries, establishing interdependence between personal health and social improvement. Considering the relationship between Church and State and dialoguing with various theological schools, the article analyzes the directions taken by Pastoral Theology in the last two decades in the USA, questioning about contents, methods and reconceptualizations of the discipline. It points to some specific implications so that the practice of pastoral care and counseling and the education of its professionals gain the recognition and relevance of Public Theology.

Keywords: Pastoral Theology. Practical Theology. Public Theology.

Mudanças significativas no assunto da teologia, cuidado e aconselhamento pastoral ocorreram nesta última década nos Estados Unidos. Alguns anos atrás, eu descrevi uma das mudanças notáveis como

¹ O artigo foi recebido em 26 de agosto de 2011 e aprovado em 2 de abril de 2012 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. Traduzido do original em inglês "Pastoral Theology as Public Theology" por Anne Marie Krahn.

² Professora de Teologia Pastoral na Vanderbilt University Divinity School & Graduate Department of Religion, Nashville, TN, EUA. Pesquisa temas de religião, psicologia e cultura, pastoral e teologia prática. Contato: bonnie.miller-mclemore@vanderbilt.edu

sendo uma transição do “cuidado descrito estreitamente com aconselhamento para o cuidado entendido como parte de um contexto cultural, social e religioso amplo”³. A metáfora maravilhosa dos anos 1950 de Anton Boisen do “documento humano vivo” como um texto principal se transformou em “uma rede humana viva”. Teólogos/as e conselheiros/as pastorais, hoje, respondem mais nos estudos e na prática a fatores políticos e sociais que afetam as vidas das pessoas nos níveis locais e globais do que definições anteriores da área têm reconhecido ou permitido. Outros estudiosos também já chamaram atenção a esse desenvolvimento.⁴ Minha própria posição social particular como branca, protestante tradicional, educada na University of Chicago nos anos 1980, especialmente provocou e reflete essa mudança. Chicago teve um impacto significativo na transição da teologia pastoral para uma teologia pública, assim como a teologia da libertação, para a qual eu me direcionei quando comecei a lecionar em 1986, e descobri que os recursos pastorais convencionais eram mal equipados para entender a condição da mulher em sociedades sexistas.

O *Dictionary of Pastoral Care and Counseling* [Dicionário de Cuidado e Aconselhamento Pastoral] apareceu nas prateleiras das bibliotecas em 1990, depois de muitos anos de organização, justamente quando teólogos/as pastorais dobravam a esquina para essa reorientação. O único verbete no Dicionário sob “público” é “Interface Público/Privado”. E simplesmente diz aos/às leitores/as que “Veja Pessoal, Sentido de. Veja também Tensão Profética/Pastoral no ministério; Vergonha”. O anterior descreve o movimento do cuidado e aconselhamento pastoral da metade do século 20 como focado no pessoal. Teólogos/as e conselheiros/as pastorais eram distinguidos por sua atenção atenta à “plena singularidade” do indivíduo, que vinha a ser conhecido pela autorrevelação íntima, emotiva. Essa ênfase desvia uma atenção importante do “ser público” e de suas responsabilidades sociais.⁵ O verbete sobre “Tensão Profética/Pastoral no Ministério” busca corrigir esse direcionamento poderoso em direção à experiência subjetiva individual.⁶ Os objetivos da teologia pastoral não deveriam ser reduzidos a somente um enfoque em preocupações pessoais. Mas mesmo aqui o enfoque está na interdependência da “saúde pessoal e o melhoramento social” e ainda

³ MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. The Human Web and the State of Pastoral Theology. *Christian Century*, p. 367, April 1993, e The Living Human Web: Pastoral Theology at the Turn of the Century. In: STEVENSON-MOESSNER, Jeanne (Ed.). *Through the Eyes of Women: Insights for Pastoral Care*. Philadelphia: Westminster John Knox, 1996. p. 9-26.

⁴ GRAHAM, Larry Kent. *Care of Persons, Care of Worlds: A Psychosystems Approach to Pastoral Care and Counseling*. Nashville: Abingdon, 1992; PATTON, John. *Pastoral Care in Context: An Introduction to Pastoral Care*. Louisville: Westminster John Knox, 1993); GILL-AUSTERN, Brita. Rediscovering Hidden Treasures for Pastoral Care. *Pastoral Psychology*, v. 43, n. 4, 1995, p. 233-253; COUTURE, Pamela D. Weaving the Web: Pastoral Care in an Individualistic Society. In: STEVENSON-MOESSNER (Ed.), 1996; e uma década depois, LOUW, Daniel J. Pastoral Hermeneutics and the Challenge of a Global Economy: Care to the Living Human Web. *The Journal of Pastoral Care and Counseling*, v. 56, n. 4, 2002, p. 339-350.

⁵ HUNTER, Rodney J. The Personal, Concept of, in Pastoral Care. In: HUNTER, Rodney J. (Ed.). *Dictionary of Pastoral Counseling and Care*. Nashville: Abingdon, 1990. p. 893.

⁶ SEIFERT, Harvey. Prophetic/Pastoral Tension in Ministry. In: HUNTER (Ed.), 1990, p. 962-966.

não nas responsabilidades públicas do aconselhamento pastoral ou nas maneiras em que a essência própria do pessoal é construída socialmente.

O prefácio editorial de Rodney Hunter observa brevemente que o *Dicionário* aparece em um momento de agitação histórica. Os representantes principais da área “começaram a propor novos entendimentos” que desafiam “seu individualismo subjetivo” assim como o seu “sexismo, racismo, psicologismo [...] clericalismo, falta de historicismo e de crítica moral e religiosa”.⁷ De fato, a atenção dispensada a cada uma dessas preocupações estendeu os horizontes da área de uma disciplina centrada primordialmente no bem-estar do indivíduo para uma centrada nas estreitas conexões entre o privado e o público. É importante documentar os fatores que contribuíram para essa transformação.

Como é que a teologia pastoral foi gradualmente trasladando nas últimas duas décadas para um novo conteúdo e novos métodos relacionados à teologia pública? Que contribuições distintivas teriam os/as teólogos/as pastorais a oferecer? E o que significará teologia pastoral como teologia pública para o futuro da disciplina e para a educação teológica e a igreja falando mais abrangente? Este ensaio começará a tarefa de responder a essas perguntas, explorando fatores que instigaram a preocupação sobre teologia pública e exemplos da reconceitualização de teologia pastoral como teologia pública. Concluirei sugerindo ramificações para a formação e o cuidado pastoral.

“Teologia Pública” é, em si, um conceito que precisa de mais explicação. Em termos amplos, “teologia pública” tem a intenção de analisar e influenciar a ordem social mais ampla. Tem recebido muita atenção nas últimas duas décadas por uma variedade de teólogos/as querendo desafiar a privatização moderna da religião e afirmar a sua relevância pública mais ampla. Diferente do apelo universal genérico da religião civil, a teologia pública tenta fazer uma afirmação reconhecidamente válida e autocrítica da relevância de credos e práticas religiosas específicas. O artigo inteiro, especialmente a primeira parte sobre as tendências por trás da sua emergência pastoral, traça maneiras em que tanto aqueles fora como dentro da teologia pastoral redefiniram tanto a teologia pública como a área própria. Muitos “estudiosos” aos quais eu me refiro, como Paul Tillich, usam o termo “teologia prática” mais que “teologia pastoral” para falar da ampla área no estudo de teologia que engloba cuidado pastoral, aconselhamento, pregação, educação e assim por diante, e suas respectivas disciplinas acadêmicas, como teologia pastoral, homilética e educação religiosa. Porém essa definição convencional da teologia prática, ela mesma já passou por uma revisão à luz dos desenvolvimentos na teologia pública. Sua missão agora vai muito além das práticas ministeriais para um envolvimento teológico em questões públicas de consequências práticas e pastorais significativas como o bem-estar das crianças ou justiça econômica.

Meu enfoque que perpassa o todo é primariamente nos Estados Unidos. Isso não significa que um movimento semelhante da teologia pastoral para a teologia pública não esteja ocorrendo em outros lugares do mundo. Mesmo que o espaço não

⁷ HUNTER (Ed.), 1990, p. xii.

permita um exame aprofundado deste último, tentarei indicar lugares críticos de intersecção e desenvolvimentos paralelos fora dos Estados Unidos. Existem também importantes diferenças na conceituação da teologia pública que requerem mais atenção do que eu posso dar a elas. O contexto dos Estados Unidos está especialmente moldado por interpretações divergentes sobre a Primeira Emenda da Constituição, que separa a igreja do estado. Teologia Pública tem outra aparência em outros países onde a religião ou é estabelecida pelo estado (p. ex. Inglaterra) ou é totalmente privada de direitos (p. ex. China). Além disso, enquanto teólogos/as europeus estão consternados com o declínio do cristianismo, muitos/as teólogos/as práticas das igrejas históricas se preocupam mais com o crescimento das formas de cristianismo evangélicas conservadoras. Até o cristianismo histórico ainda continua forte em algumas partes do país, como no Sul. Um pluralismo religioso extensivo, acentuado pela liberalização das leis de imigração dos anos 1960, também caracteriza a sociedade dos Estados Unidos. Embora a religião dominante do passado – cristianismo – professa fazer e ter uma “teologia”, muitas religiões dominantes em outras sociedades não fazem tais afirmações nem buscam uma teologia pública.

As tendências por trás do impulso por uma teologia pública

Muitos desenvolvimentos econômicos, políticos e culturais externos aos estudos religiosos e teológicos têm encorajado o desenvolvimento da teologia pública nos Estados Unidos. Na frente econômica, organizações de financiamento importantes, tais como a Lilly Endowment, Pew Charitable Trusts e Henry R. Luce Foundation, têm colocado como principal iniciativa o papel público do cristianismo, apoiando programas que têm se engajado em dilemas públicos significativos, como a família. Essas organizações têm apoiado economicamente inúmeras conferências, projetos, publicações e centros universitários com o objetivo de criar pontes entre a academia, igreja e o público mais amplo em redor de muitas questões candentes.⁸ Em parte, essas fundações estão preocupadas com o declínio do ativismo social do protestantismo na era pós-direitos civis e estão igualmente preocupadas com a proeminência e habilidade crescente da nova direita cristã em influenciar a sociedade através de grandes operações conglomeradas. O desejo não é que se volte à hegemonia das igrejas históricas, mas que se tenha uma melhor compreensão do papel adequado do cristianismo na formação da política pública numa sociedade cada vez mais variada e religiosamente plural.

Numa frente mais política, políticos e intelectuais públicos renegociaram as frágeis linhas de separação entre o estado e a igreja ao proporem um papel mais reforçado de “organizações baseadas na fé” e “iniciativas baseadas na fé” apoiadas por impostos para oferecer serviços sociais. Além disso, algumas pessoas públicas falam

⁸ Veja, por exemplo, MILLER-McLEMORE, Bonnie J. The Public Character of the University-Related Divinity School. *Theological Education*, v. 37, n. 1, 2000, p. 49-61, escrito como resultado de uma participação em uma consulta patrocinada pela *Association of Theological Schools*.

sobre a necessidade de trazer perspectivas da fé para lidar com questões nacionais morais, tais como superar o racismo ou fortalecer a família, onde esforços do governo essencialmente fracassaram. A expectativa de que comunidades religiosas possam prover tanto serviços como valores tem aumentado a pressão sobre os/as teólogos/as para que reconsiderem o papel público da religião.

Finalmente, a desprivatização da religião também está relacionada a mudanças culturais. Intelectuais públicos não têm mais fé no poder da ciência livre de valores nem no estado ou mercado para resolver todos os problemas sociais. Problemas tais como a crescente pobreza no Terceiro Mundo e conflitos internacionais inter-religiosos pedem deliberação séria. Ao invés de marcar certas crenças religiosas como arbitrarias, não importantes ou irracionais, muitas pessoas sugerem agora que elas têm um lugar legítimo, mesmo que talvez necessariamente delimitado, no discurso e nas decisões públicas.⁹ A fala nova sobre “sociedade civil” não é uma volta a uma religião civil genérica, mas um resgate da importância dos credos e práticas em todas as suas particularidades. Teologia pública oferece reflexão crítica e construtiva sobre a relevância civil de religiões específicas.¹⁰

Mesmo não sendo muito reconhecido, necessidades pastorais urgentes estão por trás da aspiração por uma teologia pública. Como sociólogo, Robert Wuthnow comenta que o debate sobre religião e sociedade civil não é tanto sobre “pregadores em política ou até sobre as liberdades da Primeira Emenda, mas sobre a qualidade de vida social em si”¹¹. O chamarisco da teologia pública surge de perguntas mais profundas sobre como pessoas com tantas diferenças e convicções religiosas sérias podem conviver bem num mundo crescentemente perigoso. Cristãos, entre outros grupos religiosos, defrontam-se com dilemas complexos ao tentar viver vidas moldadas por valores religiosos. Dilemas anteriormente considerados particulares e até às vezes triviais, tais como, casar e ter filhos/as ou como eliminar o próprio lixo, agora são vistos como tendo implicações nacionais ou até internacionais inevitáveis. Líderes religiosos não podem mais agrupar necessidades pastorais separadas de considerações públicas.

Tendências teológicas internas da religião também influenciaram a teologia pastoral a ir em direção à teologia pública. Em particular, debates entre David Tracy, de Chicago, e George Lindbeck, de Yale, sobre o lugar do cristianismo na sociedade têm tido um papel considerável nesse processo. Ronald Thieman, por exemplo, aprofundou tais questões para distinguir sua posição das abordagens mais sectárias de Lindbeck e Stanley Hauerwas.¹² Ele descreve mais do que define a teologia pública como uma teologia “baseada nas particularidades da fé cristã enquanto aborda genui-

⁹ CARTER, Stephen L. *The Culture of Disbelief: How American Law and Politics Trivialize Religious Devotion*. New York: Anchor, 1994.

¹⁰ CADY, Linell Elizabeth. *Religion, Theology, and American Public Life*. Albany: State University of New York Press, 1993. p. 21-25.

¹¹ WUTHNOW, Robert. *Christianity and Civil Society: The Contemporary Debate*. Valley Forge, Pennsylvania: Trinity Press International, 1996. p. 2.

¹² THIEMANN, Ronald F. *Constructing a Public Theology: The Church in a Pluralistic Culture*. Louisville: Westminster John Knox, 1991. p. 12.

namente questões de significância pública”.¹³ Victor Anderson condensa descrições de Thieman, William Joseph Buckley e Roger Shinn para caracterizar a teologia pública como “o uso deliberado de compromissos teológicos diferentes para influenciar o grande debate público e a política”.¹⁴

Essas definições abrangentes, porém, poderiam potencialmente se referir a quase qualquer posição teológica socialmente consciente, como o resto do ensaio de Anderson ilustra. Meu interesse aqui é focar um lugar onde o termo foi codificado no debate entre Chicago e Yale. No debate, a escola de Chicago é acusada de comprometer o distintivo do cristianismo nos seus esforços revisionistas de participar nas liberações públicas. Por outro lado, a escola de Yale é acusada de faltar uma teologia genuinamente pública nas suas tentativas pós-liberais de preservar a linguagem e as regras singulares da narrativa e comunidade cristãs. Thieman e outros, como William Placher e David Kelsey, responderam a tais alegações com suas próprias versões de como uma pessoa cristã confessante, que assume o cristianismo como autoritativo, pode efetivamente lidar com questões políticas e sociais.¹⁵

Vários estudiosos proeminentes na “escola de Chicago” como Tillich, Tracy, James Gustafson e Don Browning levaram o cuidado e aconselhamento pastoral em direção à teologia pública através da sua influência sobre doutorandos/as. Juntaram-se a um *gestalt* de interesse na igreja pública, ministério público e intelectuais públicos entre outros/as estudiosos/as de Chicago do início do século 20, tais como Shailer Mathews, e figuras mais recentes, como Martin Marty, Robin Lovin e Clark Gilpin.¹⁶ O método correlacional de Tillich e sua teologia da cultura¹⁷ tiveram um impacto fundamental através de sua influência no seu colega de Chicago, Seward Hiltner, e sobre os estudantes de Hiltner, como Browning, e até sobre os/as estudantes de Browning, como Pamela Couture e eu. Mais recentemente, os esforços de Tracy para refinar o método correlacional e para afirmar a responsabilidade pública essencial de uma teologia fundamental, sistemática e prática num mundo crescentemente pluralista proporcionaram um ímpeto poderoso para a teologia pastoral desenvolver suas contribuições públicas.¹⁸ A maioria dos teólogos/as e conselheiros/as hoje empregam

¹³ THIEMANN, 1991, p. 13.

¹⁴ ANDERSON, Victor. The Search for Public Theology in the United States. In: LONG, T. G. et al. *Preaching as a Theological Task: World, Gospel, Scripture*. Louisville: Westminster John Knox, 1996. p. 20.

¹⁵ PLACHER, William. Revisionist and Postliberal Theology and the Public Character of Theology. *The Thomist*, v. 49, n. 3, July 1985, p. 92-416, e KELSEY, David. Church Discourse and Public Realm. In: MARSHALL, B. D. (Ed.). *Theology and Dialogue: Essays in Conversation with George Lindbeck*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1990.

¹⁶ Veja, por exemplo, MARTY, Martin E. *The Public Church: Mainline, Evangelical, Catholic*. New York: Crossroad, 1981; LOVIN, Robin (Ed.). *Religion and American Public Life*. New York: Paulist, 1986; e GILPIN, Clark. *Public Faith: Reflections on the Political Role of American Churches*. St. Louis: CBP Press, e _____. *A Preface to Theology*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

¹⁷ TILLICH, Paul. *Systematic Theology*. Chicago: University of Chicago, 1951. v. 1, e _____. *Theology of Culture*. London: Oxford University Press, 1959.

¹⁸ TRACY, David. *The Analogical Imagination: Christian Theology and the Culture of Pluralism*. New York: Crossroad, 1981, e _____. The Foundations of Practical Theology. In: BROWNING, Don S. (Ed.).

alguma versão desse modelo liberal, no entanto modificado pela teologia revisionista, de libertação ou pós-moderna.

Porém perspectivas liberais do público foram atacadas pela teologia da libertação. Nas palavras de Rebecca Chopp, “enquanto teólogos/as liberais revisionistas respondem ao desafio teórico dos não crentes entre a pequena minoria da população do mundo que controla a riqueza e os recursos na história, teólogos/as da teologia da libertação respondem ao desafio prático da grande maioria de residentes do globo que não controlam nem sua vitimização nem sua sobrevivência”.¹⁹ O público não é mais a plateia científica moderna que preocupava Tillich ou a plateia cientificamente desencantada pós-moderna que atormenta Tracy.

A teologia da libertação começou no início do século vinte na América Latina como um movimento católico-romano focado em libertar os pobres da exploração econômica sistemática e em assegurar justiça para os oprimidos.²⁰ Desde seu início, a teoria da libertação tem sido assumida pelos protestantes, pelo movimento das mulheres, pela conscientização sobre o poder dos afro-descendentes, pela teoria crítica alemã e outros ao redor do mundo e aplicado a muitos tipos de opressão social além da pobreza, tais como racismo, sexismo, heterossexismo e colonialismo. Ela busca libertar aqueles/as que sofrem de desigualdades sociais e opressão não somente através do discurso, mas através de estratégias práticas de base para transformação estrutural social. Problemas anteriormente definidos por linhas particulares como sinais de fraqueza pessoal e torpeza moral como drogas, alcoolismo, depressão, atuação acadêmica fraca e até casamentos fracassados ou filhos delinquentes são agora redefinidos em termos públicos e políticos mais amplos como um resultado de estruturas sociais patriarcais injustas e ideologias racistas.

A teoria feminista, pós-estruturalista e pós-moderna, leva à premissa que o “pessoal é político” a um novo nível: O pessoal não é somente político, mas é socialmente construído. Isto é, relações de poder na história e na sociedade constroem a individualidade. Teólogos/as precisam levar a sério o local social da individualidade, as maneiras como a linguagem constrói a realidade e o impacto do poder na linguagem e na subjetividade.

Enquanto a escola de Chicago afetou teólogos/as pastorais centrais que entraram no seu âmbito, a transformação da teologia pastoral pela teologia da libertação foi mais abrangente. Poucos/as, talvez nenhum/a, dos/das teólogos/as pastorais ou conselheiros/as contemporâneos/as escaparam de sua influência. Mesmo que as influências sobre a teologia pastoral são muitas, a teologia da libertação ajudou a levar a teologia

Practical Theology: The Emerging Field in Theology, Church, and World. San Francisco: Harper & Row, 1983. p. 61-82.

¹⁹ CHOPP, Rebecca S. *Practical Theology and Liberation.* In: MUDGE, Lewis S. et al. (Ed.). *Formation and Reflection: The Promise of Practical Theology.* Philadelphia: Fortress, 1987. p. 121, 128.

²⁰ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Theology of Liberation: History, Politics, and Salvation.* Trans. J. Eagleson. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1973; SEGUNDO, Juan L. *The Liberation of Theology.* Trans. J. Drury. Maryknoll, N.Y.: Orbis, 1976; BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Introducing Liberation Theology.* Maryknoll, NY: Orbis Books, 1987.

pastoral em direção à teologia pública ao identificar as maneiras como a sociedade indelevelmente constrói a individualidade em formas opressivas, ao redefinir a natureza do público e ao exigir uma reorientação profética em relação a ela.

Desenvolvimentos na teologia pastoral

Representações diferentes das mudanças

Teólogos/as pastorais têm descrito o desenvolvimento da teologia pastoral em teologia pública de diferentes maneiras. Em 1993, numa visão global introdutória, John Patton anunciou uma “mudança de paradigma”²¹. Antes da metade do século 20, a teologia pastoral aderiu a um “paradigma clássico” que, como Hunter aponta, “concentrava-se principalmente e às vezes exclusivamente na mensagem do evangelho”²². O clérigo diagnosticava problemas em termos religiosos e respondia com soluções cristãs, muitas vezes dependendo de rituais, como orações, imposição de mãos ou confissão e absolvição de pecados.

Tanto os paradigmas “clínica pastoral” como o “comunitário-contextual” apareceram na última metade do século, cada um representando o que Patton vê como uma grande redefinição do foco e do método. O paradigma clínico que surgiu no meio do século e moldou o *Dicionário* trouxe profundamente dos poços da psicologia moderna, usando as suas percepções das dinâmicas emocionais e suas técnicas terapêuticas para moldar um novo tipo de cuidado espiritual que atenta para as necessidades internas dos indivíduos em crise. O diagnóstico dependia muito das categorias psicológicas, emendadas com reflexão teológica, e soluções quase sempre incluíam algum tipo de escuta empática, independente de como era modificado por técnicas mais diretivas.

O aspecto mais crítico do novo paradigma comunitário-contextual, conforme Patton, é seu compromisso novo com a comunidade em vez do/a pastor/a ou do/a conselheiro/a ser o cerne do cuidado pastoral. O público já “não é mais [...] o clero masculino de origens europeias”. Tanto clero como leigos – “todos os tipos e condições do povo de Deus” – oferecem cuidado numa variedade de contextos e comunidades cristãs.²³ O cuidado pastoral falta ainda explorar os ricos recursos da comunidade, de acordo com Brita Gill-Austern. Ela usa a metáfora da teia para descrever a importância de nutrir as interconexões ou a “ecologia do cuidado” dentro das comunidades.²⁴ Teólogos/as pastorais em contextos não ocidentais já há muito tempo reco-

²¹ PATTON, John. *Pastoral Care in Context: An Introduction to Pastoral Care*. Louisville: Westminster John Knox, 1993. p. 4-5.

²² HUNTER, Rodney J. *Spiritual Counsel: An Art in Transition*. Christian Century, October 2001, p. 20.

²³ PATTON, 1993, p. 3.

²⁴ GILL-AUSTERN, 1995, p. 234.

nhecem a significância da comunidade no cuidar.²⁵ As conferências no outro lado do mar na última década até convenceram estudiosos/as nos Estados Unidos sobre isso.

Em contraste com Patton e Gill-Austern, eu uso a imagem da teia para descrever uma grande mudança na área como um todo e descrevo essa mudança em termos de uma modificação no assunto primário de “documento humano vivo” para uma “teia humana viva”.²⁶ Meu foco é menos sobre quem proporciona o cuidado (clero ou laico) ou como o cuidado é proporcionado (hierárquica ou colaborativamente) e mais sobre o que está envolvido no cuidado hoje. O cuidado genuíno agora requer uma compreensão do documento humano como necessariamente imbricado numa teia pública entrelaçada de significado construído. Problemas clínicos, como uma mulher se recuperando de uma histerectomia ou um homem viciado em drogas, são sempre situados nas estruturas e ideologias de um contexto público mais amplo e nunca são puramente interpessoais ou intrapsíquicos. Onde Patton dá crédito ao Vaticano II e ao ecumenismo como fatores predominantes na ampliação do contexto do cuidado pastoral, eu vejo perspectivas liberacionistas como sendo mais instrumentais. A crítica do individualismo do cuidado pastoral e da necessidade de confrontar sistemas de dominação tem vindo predominantemente das teologias feministas, negras e, mais recentemente, asiáticas, latino-americanas e africanas. Pensar sobre cuidado pastoral dessa perspectiva requer desafiar profeticamente, transformativamente, sistemas de poder, autoridade e dominação, que continuam violando e oprimindo indivíduos e comunidades nacional e internacionalmente.²⁷

A teologia pastoral trouxe à teologia doutrinária presa à teoria uma riqueza de experiências vivas, concretas, através de uma nova ferramenta. O estudo de caso ou os *verbatimims*, desenvolvidos em programas clínicos do meio do século 20 moldados pelas ciências médicas e sociais, enfocaram de perto em interlocuções particulares e dinâmicas emocionais, teológicas entre e internamente ao indivíduo e o/a cuidador/a. Até hoje raramente se encontra reflexão pastoral que não inclua algum tipo de material de “caso”. Porém o que mudou é a maneira como o caso é entendido, analisado e posicionado. Teólogos/as pastorais agora trabalham duramente para situar o material publicamente, como parte de uma teia social e cultural mais ampla.

Em 1992, Larry Graham conclamou uma nova “abordagem psicossistêmica” para substituir o que ele nomeou o anterior “modo existencial-antropológico”. Ele viu no último uma “divisão progressivamente crescente entre o cuidado de pessoas e

²⁵ LARTEY, Emmanuel. *Pastoral Counseling in Inter-cultural Perspective*. Frankfurt: Peter Lang, 1987; WICKS, Robert J.; ESTADT, Barry K. (Eds.). *Pastoral Counseling in a Global Church: Voices from the Field*. Maryknoll, New York: Orbis, 1993; WILSON, Henry S. et al. *Pastoral Theology from a Global Perspective*. Maryknoll, New York: Orbis, 1996.

²⁶ MILLER-McLEMORE, 1993 e MILLER-McLEMORE, 1996.

²⁷ Veja, por exemplo, PATTISON, Stephen. *Pastoral Care and Liberation Theology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994; NEUGER, Christie C. (Ed.). *The Arts of Ministry: Feminist-Womanist Approaches*. Louisville: Westminster John Knox, 1996; ACKERMANN, Denise; BONS-STORM, Riet (Eds.). *Liberating Faith Practices: Feminist Practical Theology in Context*. Leuven, Netherlands: Peeters, 1998; e MILLER-McLEMORE, Bonnie J. e GILL-AUSTERN, Brita (Eds.). *Feminist and Womanist Pastoral Theology*. Nashville: Abingdon, 1999.

os cuidados dos ambientes maiores em que as pessoas vivem”²⁸. Além da teologia da libertação, ele acha sugestivas a teoria de sistemas familiares e a teologia de processo. Assim como a teologia da libertação afirma que pessoas, famílias e grupos perturbados refletem sérios problemas no contexto cultural, assim também a terapia de sistemas familiares argumenta que sintomas individuais são simplesmente sinais de uma disfunção séria no sistema social familiar maior.

Alguns anos depois, Couture também descreveu uma nova “base social ecológica” para o cuidado e aconselhamento pastoral. Ela posiciona o sofrimento pessoal dentro de sua “teia” mais ampla. Ela se preocupa, em particular, com as premissas individualistas que quase completamente determinam as políticas econômicas e da política. Ela fala que ser perito em política pública, história e tradições religiosas particulares é pré-requisito para uma teologia pastoral adequadamente orientada ao público. Nas suas palavras, “para oferecer um cuidado adequado para além dos anos 1990 teremos que nos tornar tão peritos sobre as políticas públicas que afetam a família e a saúde quanto somos sobre os funcionamentos dos vários tipos de personalidades”. Não é preciso nada menos do que uma reformulação dos “compromissos básicos da nossa disciplina”²⁹. Quando a teologia pastoral tenta envolver “o contexto social, a economia, significados e práticas culturais” no seu entendimento de cuidado pastoral, então tem afinidade com outros tipos de teologia pública.³⁰

Complicações históricas

Cada tipologia histórica tem o perigo da simplificação excessiva. A teologia e o cuidado pastorais nunca foram tão individualística ou pessoalmente focados como é muitas vezes descrito. A história do cuidado pastoral muito citado do historiador E. Brooks Holifield, por exemplo, retrata o desenvolvimento da disciplina principalmente através de uma trajetória declinante – o crescimento amplamente lamentado do individualismo americano.³¹ Ansiedades por causa do namoro da igreja com a psicologia e o aconselhamento levaram-no a caracterizar a área como evoluindo de uma com ênfase em salvação, no mundo pré-moderno, para uma da obsessão moderna com a autorrealização. Porém mesmo o movimento de cuidado pastoral do início do século 20 mantinha outros compromissos sociais e religiosos em tensão com a psicologia. Além disso, muito tem acontecido desde que ele terminou o livro. A sua história, que em geral está bem documentada, coloca mulheres, escravos e “outros” principalmente como objetos de cuidado, raramente como cuidadores/as e muito pouco como a fonte de novas ideias. Muitos/as teólogos/as e conselheiros/as pastorais têm sido atraídos/as para novas psicologias que não são inevitavelmente individualistas mesmo se enfo-

²⁸ GRAHAM, 1992, p. 12.

²⁹ COUTURE, 1996, p. 103.

³⁰ GRAHAM, Larry Kent. Pastoral Theology as Public Theology in Relation to the Clinic. *Journal of Pastoral Theology*, v. 10, 2000, p. 6, 9.

³¹ HOLIFIELD, E. Brooks. *A History of Pastoral Care in America: From Salvation to Self-realization*. Nashville: Abindgon, 1983.

cam o indivíduo, como se evidencia, por exemplo, na teoria dos sistemas familiares, psicologia feminista ou teorias da individualidade em relações com objetos.

Poder-se-ia até argumentar que a virada original para psicologia por teólogos/as pastorais incluía uma dimensão pública. Como aponta Hunter, “aconselhamento pastoral representa uma expressão profundamente importante da missão social das igrejas liberais”. Com isso ele quer dizer que os/as conselheiros/as pastorais abriram suas portas o mais inclusivamente possível. A maioria dos centros de aconselhamento começou como empreendimentos ecumênicos e ainda se orgulha da sua receptividade tanto de crentes como de não crentes. Enquanto a tolerância indiscriminada perde o enfoque em crenças cristãs específicas, isso não nega o ideal de serviço público e testemunho com os quais muitos centros começaram.

A avaliação positiva de Hunter da tendência pública da tradição terapêutica é muito diferente da de Holifield. Hunter argumenta que uma preocupação social com a natureza destrutiva de uma sociedade altamente industrializada motivou o movimento pastoral desde o início, em parte pela influência da teoria social da Escola de Frankfurt. O movimento mudou o foco pastoral estreito anterior no comportamento moral do indivíduo para uma perspectiva holística de cura que envolve as necessidades das pessoas em sua totalidade. Capelães estavam de fato em posições únicas para oferecer uma crítica profética dos estabelecimentos médicos “a partir de dentro”.³² E realizaram uma cooperação pública com outros/as profissionais da saúde que desafiava a especialização moderna da saúde muito antes do fascínio atual da medicina com o espiritual. O movimento também colocou uma reivindicação social profética às igrejas para se engajarem mais autenticamente como comunidade. De fato, “quando feito habilmente”, a intervenção terapêutica reforça as capacidades morais públicas da pessoa e seu autoexame. O confronto terapêutico em si só pode ser “uma prática moral poderosa e significativa”³³.

Pelo início dos anos 1980, Edward Wimberly e Archie Smith já defendiam claramente a natureza pública e comunitária do cuidado pastoral e a conexão inextricável da ética social e terapia psicológica na igreja negra.³⁴ Talvez antes do seu tempo, Smith dá um testemunho poderoso sobre as maneiras em que as opressões sociais do racismo criam sofrimento pessoal e clamam por cuidado que envolve ativismo social. E o ensaio do Dicionário de Wimberly sobre o cuidado pastoral afro-americano lembra os/as leitores/as que a teologia pastoral negra tem tido um longo compromisso de atender às “estruturas e condições sociais” e às dimensões “corporativas” tanto da igreja como da sociedade mais ampla.³⁵

³² HUNTER, 2001, p. 23.

³³ HUNTER, Rod. *The Therapeutic Tradition of Pastoral Care and Counseling*. In: COUTURE, Pamela D.; HUNTER, Rodney J. (Eds.). *Pastoral Care and Social Conflict*. Nashville: Abingdon, 1995. p. 22.

³⁴ HUNTER, 1995, p. 25.

³⁵ WIMBERLY, Edward P. *Pastoral Care in the Black Church*. Nashville: Abingdon, 1979, e SMITH, JR. Archie. *The Relational Self: Ethics and Therapy from a Black Church Perspective*. Nashville: Abingdon, 1982.

Como essas observações indicam, a história da teologia pastoral como teologia pública é mais complexa do que se imaginaria inicialmente. Podia-se até argumentar, como argumenta Couture, que “a educação em cuidado pastoral do século 20 teve suas raízes no evangelho social, e depois de trabalho intenso sobre várias formas de relacionamentos pessoais nas décadas depois da Segunda Guerra Mundial, tomou um rumo natural de retorno a essa herança”³⁶. Um volume editado, *Pastoral Care and Social Conflict* [Cuidado Pastoral e Conflito Social] defende precisamente esse ponto. A “identidade central” da área se encontra nas maneiras como “suas ênfases gêmeas em pessoas e sociedade [...] informam a teologia”³⁷. Os problemas atuais que sustentam uma voz pública para a teologia pastoral remontam diretamente à bifurcação de um esforço que, com a imersão de Walter Rauschenbusch no ministério do sopão em Nova Iorque, de uma vez uniu ética social e cuidado pastoral como os dois lados de uma mesma moeda.

Se essa volta ao evangelho social é tão “natural” ou constante como Couture espera que seja, ainda teremos que ver. Algo da dificuldade tem a ver com uma tensão que é observável desde o começo entre aqueles que apoiavam o desenvolvimento do aconselhamento pastoral como um ministério especializado, tais como Carroll Wise e Howard Clinebell, e aqueles que pensavam que isso seria repleto de problemas. Tanto Hiltner como Wayne Oates discordavam fortemente do aconselhamento pastoral como uma prática “privada”. Ao contrário, eles insistiam que permanecesse dentro da igreja e se negaram a se juntar na formação da American Association of Pastoral Counselors (AAPC) [Associação de Conselheiros Pastorais], em 1963.³⁸

Oates e outros protestavam contra o modelo médico ou clínico de intervenção argumentando que esse distorcia a relação complexa entre o privado e o público. Colocava culpa indevida no indivíduo ao invés de ver os sintomas como uma “lupa para a doença da comunidade como um todo”³⁹. Necessidades pessoais surgiam justamente por algum tipo de falha pública. De fato, pastores/as que fazem aconselhamento se encontram em uma posição singular. Eles/as têm um “‘relatório de laboratório microscópico’ sobre as injustiças sociais massivas que precisam ser mudadas”⁴⁰. Além disso, as estruturas eclesiais oferecem os meios e a posição corporativa para iniciar uma transformação pública. A própria natureza da ordenação “exclui o luxo de um ministério puramente privado que ignora a sociedade [e] retira o elemento profético distintivo do aconselhamento”⁴¹. Talvez mais precise ser feito para recuperar algumas dessas tendências iniciais na área em direção à teologia pública.

³⁶ WIMBERLY, Edward P. Black American Pastoral Care. In: HUNTER, Rodney J. (Ed.). *Dictionary of Pastoral Counseling and Care*. Nashville: Abingdon, 1990. p. 93-94.

³⁷ COUTURE, Pamela D. Pastoral Care and the Social Gospel. In: *The Social Gospel Today*. Westminster John Knox, 2001. p. 161.

³⁸ COUTURE, Pamela D.; HUNTER, Rodney J. (Eds.). *Pastoral Care and Social Conflict*. Nashville: Abingdon, 1995. p. 13 (grifo do autor).

³⁹ HOLIFIELD, E. Brooks. Pastoral Care Movement. In: HUNTER (Ed.), 1990, p. 848.

⁴⁰ OATES, Wayne E. *Pastoral Counseling*. Philadelphia: Westminster, 1974. p. 163.

⁴¹ OATES, 1974, p. 160.

A teologia pastoral torna-se pública

No entanto, esse interesse no resgate das dimensões públicas é que torna a situação contemporânea distinta. Figuras como Oates ainda consideravam a formação clínica como um de seus pilares. Falando no geral, dois fatores primários distinguem o movimento recente em direção à teologia pública: preocupação com o silêncio público do cristianismo tradicional sobre questões sociais fundamentais e consciência sobre as sérias limitações do foco pastoral somente no indivíduo. Teólogos/as e conselheiros/as pastorais recentes têm tentado moldar o discurso público sobre um amplo espectro de dilemas que têm implicações sociais e políticas, tais como saúde, o debate sobre a família, política de segurança social, imperialismo econômico ocidental e violência doméstica. Essa mudança de foco vai contra a compreensão estereotipada do cuidado e aconselhamento pastoral como meramente focados no cuidado pessoal, espiritual de paroquianos/as e de teologia prática como somente conhecimento sobre habilidades clericais.

Ideias explícitas sobre teologia pastoral como teologia pública entraram na área através de Browning. Tanto o seu trabalho anterior como uma publicação mais tardia posicionam o cuidado pastoral como um ministério da igreja dentro do mundo.⁴² No anterior, Browning de fato diz que o cuidado pastoral foi “empalado” pela divisão entre o “privado e o público” no seu enfoque em problemas pessoais sem “sensibilidade às questões sociais e éticas maiores”⁴³. Restringir cuidado pastoral à assistência a indivíduos em crise falha em não socializar crentes nos entendimentos particulares da igreja, e, mais importante para este ensaio, ignora a tarefa crítica de interpretar a cultura moderna e articular uma ética social relevante para problemas públicos.

Talvez mais influente do que a defesa de James Gustafson das ciências sociais para compreender a igreja foi o seu retrato da igreja como uma “comunidade de discurso moral”⁴⁴, uma frase que Browning adota como sua quando afirma que a teologia pastoral é responsável por compreensões morais públicas. Para Browning, o cuidado pastoral ocorre como parte da missão dialógica da igreja relacionada tanto com a fé como com a sociedade. Não é simplesmente cuidado de pessoas, mas também deve envolver cuidado de sistemas, assim como atenção às construções públicas ou culturais dominantes de cuidado.

Essa posição evoluiu em resposta a dois problemas – a restrição pastoral ao que Farley denominou “o paradigma clerical” (ou cuidado pastoral definido em torno das habilidades do clérigo individual)⁴⁵ e a substituição pastoral da psicologia por teologia. Uma teologia pastoral cujo conteúdo inclui “questões sociais sistêmicas e de política no cuidado mais abrangentes” amplia o leque de cuidado pastoral para o “cuidado da comunidade e o cuidado da laicidade, ambos um para o outro dentro da

⁴² OATES, 1974, p. 21 (grifo do autor).

⁴³ BROWNING, Don S. *The Moral Context of Pastoral Care*. Philadelphia: Westminster, 1976, e *Religious Ethics and Pastoral Care*. Philadelphia: Fortress, 1983.

⁴⁴ BROWNING, 1976, p. 17.

⁴⁵ BROWNING, 1976, p. 21.

comunidade e para o mundo em redor da comunidade”⁴⁶. Ela requer habilidades não só para facilitar o cuidado dentro da igreja local, mas também para criar estratégias para moldar a sociedade e a cultura.⁴⁷

A tarefa pastoral quanto ao mundo é dupla. Como uma boa teologia da cultura, ela envolve o discernimento das normas e pressuposições quase religiosas por trás de todos os atos de cuidado, tanto pastorais como seculares. Segundo, ela requer a articulação de normas públicas alternativas derivadas da tradição cristã. A tarefa aqui não é simplesmente “pronunciar as normas [...] para os fiéis (mesmo que, certamente, deve ser para eles), mas também determinar se essas normas têm significado geral público, isto é, se elas têm um significado geral até para aqueles que não são explicitamente cristãos”⁴⁸.

Apesar disso mostrar a influência da escola de Chicago, Browning, em geral, não credita isso à teologia da libertação. No verbete sobre teologia da libertação e cuidado pastoral no *Dicionário* de Romney Moseley, ele capta a mudança que isso inspira:

Da perspectiva de um teólogo de libertação, deve-se conceber cuidado pastoral como fundamentalmente o cuidado da própria sociedade. Isto é, deve-se entender as necessidades e as dores dos indivíduos em suas relações primárias – que é o foco primário do cuidado e do aconselhamento pastoral – em termos dos relacionamentos de poder macrossociais de dominação e exploração. Pois essas relações maiores estruturam a individualidade, a experiência pessoal e o comportamento individual em maneiras fundamentais, mesmo que, muitas vezes, não reconhecidas. Assim o cuidado pastoral precisa sempre engajar-se em conversação mutuamente crítica com métodos teológicos e sociocientíficos informados pela práxis emancipatória⁴⁹.

Mesmo que o artigo de Moseley e alguns outros sobre teologia feminista e teologia negra aparecem no *Dicionário*, o volume reflete uma mentalidade de assimilação característica de estágios iniciais de conscientização em geral. Com perspicácia, ele inclui novas vozes, convidando homens afro-americanos e mulheres euro-americanas para contribuírem com artigos sobre raça e gênero com a esperança de fomentar maior interesse e atenção a essas questões. Mas, em geral, teólogos/as pastorais não puderam prever a grande redefinição conceitual de teoria pastoral que ocorreu desde a publicação do *Dicionário*, particularmente em relação às suas responsabilidades públicas colocadas por grupos particulares marginalizados. A fascinação pelo método

⁴⁶ GUSTAFSON, James M. *The Church as Moral Decision Maker*. Philadelphia: Pilgrim, 1970. p. 83-97.

⁴⁷ FARLEY, Edward. *Theology and Practice Outside the Clerical Paradigm*. In: BROWNING, 1983, p. 26, e _____. *Theologia*. Philadelphia: Fortress, 1983. p. 85.

⁴⁸ BROWNING, Don S. *Mapping the Terrain of Pastoral Theology: Toward a Practical Theology of Care*. *Pastoral Psychology*, v. 36, n. 1, 1987, Fall, p. 14-15. Cf. também BROWNING, Don S. *Religious Ethics*, p. 19, e *Pastoral Care and the Study of the Congregation*. In: HOUGH JR., J. C.; WHEELER, Barbara G. (Eds.). *Beyond Clericalism: The Congregation as a Focus for Theological Education*. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1988. p. 103-118.

⁴⁹ MOSELEY, R. M. *Liberation Theology and Pastoral Care*. In: HUNTER (Ed.), 1990, p. 646.

clínico pastoral tendeu a obscurecer o significado emergente desses outros movimentos e literaturas mais novas.

Muito já aconteceu sob a influência da teologia da libertação que vai além da teologia pública da maioria dos textos publicados antes de 1985, como a próxima seção irá demonstrar. Hoje, a maioria dos/as teólogos/as pastorais reconhecem problemas de sexismo e racismo como uma consideração central nas conceitualizações do cuidado pastoral. Em um levantamento impressionante das contribuições de mulheres nas últimas quatro décadas, Kathleen Greider, Gloria Johnson, e Kristen Leslie, de fato, afirmam que mulheres “contribuíram precisa e significativamente” para a evolução do novo paradigma contextual comunal. Sob essa rubrica fresca, teólogos/as pastorais dão mais atenção “às comunidades de cuidado e ao impacto do contexto em experiências humanas e cuidado” do que na psicologia pastoral clínica típica dos anos 1970 e 1980.⁵⁰ Mas, mais importante para a teologia pública, mulheres enfocam a *ecclesia*, a comunidade humana em Deus em escrita grande, como distinta da igreja institucional. Ou seja, as mulheres são mais propensas a enfrentar “‘comunidades’ mais diversas culturalmente [...] além das paredes dos prédios das igrejas”, tais como hospícios, hospitais, prisões e universidades. Elas tentam trazer ideias cristãs para dentro das deliberações públicas sobre questões como serviço, aliança, ritual e o bem comum.⁵¹

Além dos Estados Unidos, outros argumentam em favor de mudanças semelhantes na linguagem, na identidade pastoral e na ação. Danilo e Valburga Streck afirmam que dentro do mosaico incrivelmente diversificado que molda a herança daqueles na América Latina, teólogos/as pastorais têm o mandato de criar solidariedade social entre os/as excluídos/as do poder político, econômico e religioso.⁵²

Semelhantemente, o teólogo pastoral britânico Steven Pattison afirma que somente “o cuidado pastoral sociopoliticamente consciente e comprometido” pode libertar a área de seu “cativeiro terapêutico”⁵³. O teólogo pastoral holandês Riet Bons-Storm e a teóloga sul-africana Denise Ackermann presumem que a análise social da construção de gênero é absolutamente necessária para o cuidado pastoral adequado. Em muitos capítulos do seu livro, isso leva inevitavelmente a preocupações com a justiça corporativa e a ação comunitária.⁵⁴ E John Redwood afirma que cuidado pastoral no Caribe precisa atender a pressões econômicas e assumir uma posição ativa contra a ganância capitalista insidiosa e a desesperança frente à pobreza.⁵⁵

⁵⁰ GREIDER, Kathleen; JOHNSON, Gloria; LESLIE, Kristen. Three Decades of Women Writing for Our Lives. In: MILLER-McLEMORE; GILL-AUSTERN (Eds.), 1999, p. 22.

⁵¹ GREIDER et al., 1999, p. 27-28.

⁵² STRECK, Danilo R.; STRECK, Valburga Schmiedt. From Social Exclusion to Solidarity: A Latin American Perspective of Pastoral Practices. *International Journal of Practical Theology*, v. 6, 2002.

⁵³ PATTISON, 1994, p. 221.

⁵⁴ ACKERMANN; BONNS-STORM, 1998, p. 5.

⁵⁵ REDWOOD, S. St. John. *Pastoral Care in a Market Economy: A Caribbean Perspective*. Barbados, Jamaica, Trinidad and Tobago: University of the West Indies Press, 2000.

Novos problemas de relevância pública

A teologia pastoral como teologia pública apareceu mais pronunciadamente em torno de questões públicas que contêm dimensões inegavelmente pastorais. Inobstante serem muitas as questões, menciono brevemente três preocupações proeminentes como exemplos: a violência, as famílias e a saúde pública. Os teólogos pastorais desempenharam um papel público em reformatar os entendimentos da violência sexual não simplesmente como uma questão pessoal ou de família, mas também como social e religiosa.⁵⁶ Tem pouco a ver com desejo sexual e tudo a ver com a perversão destrutiva do poder social, como uma consequência de ideologias e instituições sexistas e racistas. A obra de James Poling sobre abuso ilustra muito bem a transformação.⁵⁷

Reiteradamente, ele usa a frase “pessoal, social e religiosa” para descrever o necessário escopo do trabalho pastoral. Ele, juntamente com os esforços consideráveis de Marie Fortune e outros, ajudou a instituir programas de educação e formação de políticas que elevaram a consciência do público mais amplo.

Poling denomina essa questão pastoral como um problema especificamente público e teológico, relacionado de perto com as visões cristãs de sacrifício, a onipotência de Deus e a necessária submissão das mulheres. Além do mais, a teologia pastoral deve dar voz pública àqueles/as menos escutados. De fato, “os/as com o menor poder podem revelar muito mais”⁵⁸ – uma premissa maior da qual Poling não se afastou quando se aventurou nas explorações dos males do racismo e do capitalismo de mercado.⁵⁹ O cuidado pastoral, portanto, requer que se responda a cada um desses níveis públicos. Deve desafiar ideais e estruturas públicas, escutar os/as que são publicamente silenciados e reconstruir crenças e práticas religiosas que perpetuam os maiores problemas sociais, tais como racismo, sexismo e exploração econômica. A ideologia da família como uma instituição privada, patriarcal, contribuiu significativamente para o problema, ocultando o abuso das vistas públicas. Outros/as teólogos/as pastorais responderam ao chamado de Poling em prol de “um mito reformulado da família”, que estabelece a igualdade entre os sexos e os direitos das crianças.⁶⁰ A obra de Couture e a minha própria sobre mães e crianças e nossa pesquisa conjunta sobre a família, juntamente com Browning, diretor de um projeto grande financiado pela Lilly

⁵⁶ Veja, por exemplo, RAMSAY, Nancy J. *Sexual Abuse and Shame: The Travail of Recovery*. In: GLAZ, Maxine; STEVENSON-MOESSNER, Jeanne. *Women in Travail and Transition: A New Pastoral Care*. Fortress: Minneapolis, 1991; LEBACQZ, Karen; BARTON, Ronald G. *Sex in the Parish*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1991; FORTUNE, Marie M.; POLING, James N. *Sexual Abuse by Clergy: A Crisis for the Church*. Decatur, Ga.: Journal of Pastoral Care Publications, 1994; e ADAMS, Carol J. e FORTUNE, Marie M. (Eds.). *Violence Against Women and Children: A Christian Theological Sourcebook*. New York: Continuum, 1995.

⁵⁷ POLING, James N. *Abuse of Power: A Theological Problem*. Nashville: Abingdon Press, 1991. p.14.

⁵⁸ POLING, 1991, p. 14.

⁵⁹ POLING, James N. *Deliver Us From Evil: Resisting Racial and Gender Oppression*. Minneapolis: Fortress, 1996, e _____. *Render unto God: Economic Vulnerability, Family Violence, and Pastoral Theology*. St. Louis: Chalice Press, 2002.

⁶⁰ POLING, 1991, p. 133.

Grant para Religião, Cultura e Família, oferecem outra instância importante sobre a teologia pastoral tornando-se pública.⁶¹ Em cada relato – com mães, pais, crianças e famílias – fica claro que o cristianismo tem um papel formativo a desempenhar na modelação do discurso e das políticas públicas.

O projeto sobre família envolveu conversações transdisciplinares entre quem estava na teologia pastoral e os/as estudiosos/as vindos das disciplinas históricas, éticas, sistemáticas e bíblicas, e a publicação de uma série de livros direcionados para um público mais amplo. O volume que coroou o financiamento inicial, *From Culture Wars to Common Ground*, escrito por cinco teólogos pastorais, todos formados em Chicago, baseia-se em outros livros para desenvolver uma avaliação pública e pastoralmente sensível aos dilemas familiares contemporâneos e uma resposta a eles.⁶² Tal como a violência, as famílias são compreendidas em termos “psico-culturais-econômicos”. Não são apenas realidades psicológicas baseadas em necessidades humanas ou interesses privados fundamentados em liberdades individuais. São instituições culturais, religiosas e econômicas, com ramificações públicas de longo alcance. Consequentemente, o livro leva em consideração uma diversidade de vozes públicas que têm dominado o debate sobre a família. E o capítulo de conclusão articula não apenas o que as igrejas podem fazer internamente para fortalecer as famílias, mas o que precisam fazer no âmbito de políticas públicas, tais como advogar por políticas públicas de locais de trabalho que favorecem as famílias ou criticar as imagens distorcidas da mídia.

Para fazer uma diferença pública, pode-se distanciar, mas não remover certas afirmações cristãs de seu contexto específico, cristão, tais como as afirmações sobre consideração mútua como parte do amor firmado entre Deus e a criação. O objetivo mais amplo é “definir o papel da religião na luta dos Estados Unidos da América para fortalecer suas famílias”⁶³. Mais especificamente, o livro tenta configurar uma nova ética familiar pública de consideração mútua ou mutualidade, que possua relevância não apenas para quem se confessa cristão, mas também para uma sociedade mais ampla, em tempos de grandes necessidades culturais. Não é triunfalista sobre as virtudes do cristianismo – no melhor dos casos, “um tesouro transportado em utensílios de barro”. Porém o cristianismo, interpretado cuidadosamente, possui, sim, contribuições distintivas a fazer para ideais públicos de democracia no seio das famílias.⁶⁴ Destacar suas dádivas igualmente para crentes e não crentes não requer encontrar verdades geralmente agradáveis que simplesmente venham a corresponder à Bíblia ou podar

⁶¹ COUTURE, Pamela D. *Blessed Are the Poor? Women's Poverty, Family Policy and Practical Theology*. Nashville: Abingdon, 1991; _____. *Seeing Children, Seeing God: A Practical Theology of Children and Poverty*. Nashville: Abingdon, 2000; MILLER-McLEMORE, Bonnie J. *Also a Mother: Work and Family as Theological Dilemma*. Nashville: Abingdon, 1994; _____. *Let the Children Come: Revisioning Childhood from a Christian Perspective*. San Francisco: Jossey-Bass, 2003; BROWNING, Don S. et al. *From Culture Wars to Common Ground: Religion and the American Family Debate*. Louisville: Westminster John Knox, 1997.

⁶² BROWNING et al., 1997.

⁶³ BROWNING et al., 1997, p. viii.

⁶⁴ BROWNING et al., 1997, p. 3.

as verdades religiosas em favor do amor e justiça em termos genéricos. Antes, retira-se da mina a riqueza de tentativas cristãs em particular no entendimento do amor, a fim de determinar o que elas possam somar em todas as suas especificidades ao bem maior. Na realidade, a esperança é contribuir para uma revolução religiosa e cultural em paridade com as revoluções sociais do passado, junto às quais o cristianismo teve um papel destacado.⁶⁵ Como foi ousadamente reiterado num apêndice à segunda edição de 2000, em última análise, o livro intenta “superar a marginalização da teologia cristã no discurso público” e estabelecer o valor das normas cristãs.⁶⁶

Finalmente, como um último e significativo exemplo, muita coisa aconteceu nos serviços de saúde para impulsionar o cuidado e aconselhamento pastorais para dentro da teologia pública. A presença do aconselhamento pastoral mudou dramaticamente nos últimos dez anos, tanto em termos de sua proeminência pública como de suas atividades nas políticas de saúde. Na observação de Roy Woodruff, diretor executivo da AAPC por 15 anos, numa conversa pessoal, “há cinco ou seis anos, eu precisava explicar o que era aconselhamento pastoral e AAPC – American Association of Pastoral Counselors (Associação Americana de Conselheiros Pastorais). Praticamente nunca mais preciso fazer isso”⁶⁷.

Ao invés de distinguir entre aconselhamento pastoral e secular, Woodruff agora gasta mais tempo esclarecendo a diferença entre os esforços inter-religiosos do aconselhamento pastoral e a perspectiva mais conservadora, bíblicamente literalista e evangelista, da recentemente formada Associação Americana de Conselheiros Cristãos. Neste ponto, as conexões eclesiais organizacionais mais soltas do aconselhamento pastoral, sobre as quais Hiltner e outros originalmente se preocuparam – provaram ser uma vantagem. O público mais amplo aprecia o aconselhamento pastoral e a AAPC precisamente por causa de seu reconhecimento da diversidade e de seus esforços em informar ao invés de converter o público para um posicionamento cristão em particular.

Uma virada bem grande veio com os esforços da administração Clinton para reformar o sistema dos serviços de saúde, no início dos anos 1990. Atraíram conselheiros/as pastorais e seus representantes para caminhos públicos anteriormente menos trilhados. AAPC e o aconselhamento pastoral são agora regularmente reconhecidos simplesmente porque seus representantes apareceram para as reuniões e continuaram a comparecer. Diferentemente de apenas alguns anos atrás, quando surgem tragédias e questões nacionais, tais como o 11 de setembro ou o escândalo dos abusos sexuais na igreja católica, AAPC responde com pronunciamentos públicos e recebe pedidos por telefone de organizações de comunicação para comentários e reflexões.

Uma motivação básica para comparecer em Capitol Hill foi a de estabelecer conselheiros/as pastorais como provedores/as reconhecidos/as de cuidados de saúde. Para conseguir apoio adicional para sua proposta que conselheiros/as pastorais fossem

⁶⁵ Cf. BROWNING et al., 1997, p. 25; PASEWARK, Kyle A. e PAUL, Garrett E. *The Emphatic Christian Center: Reforming Christian Political Practice*. Nashville: Abingdon, 1999. p. 306, nota 97.

⁶⁶ BROWNING et al., 1997, p. 341.

⁶⁷ Comunicação pessoal, 18 de julho de 2002.

incluídos/as na lista *Medicare* de cuidadores/as aprovados/as, AAPC instituiu um levantamento político de opinião nacional de uns mil prováveis votantes. Seguindo-se a um Gallup Poll de 1992, Greenberg Quinlin Research indagou os entrevistados sobre as conexões entre suas crenças religiosas e aconselhamento. Os resultados revelaram não apenas uma clara afirmação dos elos, como também confirmaram que uma alta porcentagem dos que responderam “iriam preferir a assistência de um profissional de saúde mental que reconhece e consegue integrar os valores espirituais no curso do tratamento”⁶⁸. A maioria das pessoas escolhe conselheiros/as espirituais e outros/as com treinamento religioso, em lugar de outro tipo de conselheiro/a.

Ao passo que AAPC não tinha representantes na Hill quando o *Dicionário* apareceu, hoje os esforços de *lobby* tornaram-se uma responsabilidade principal. Consultas regulares no Legislativo ocorrem entre os/as representantes de aconselhamento pastoral, defensores/as legais e membros do Congresso. Os/As conselheiros/as pastorais procuram influenciar os serviços de saúde a gastar em iniciativas baseadas na fé e trabalham, por exemplo, para obter uma bolsa para formação em aconselhamento para pessoas pertencentes às minorias. Surgiram outros esforços na teologia pública em nível estatal com o crescimento do cuidado supervisionado [institucional]. Conselheiros/as pastorais têm buscado pagamentos de licenciamento e de terceiros como uma profissão com credenciais comparáveis a outros clínicos reconhecidos. Talvez como a mais simbólica das mudanças gerais, o aconselhamento pastoral apareceu, pela primeira vez, na publicação governamental de *Mental Health, the United States*, 2002, ao lado de outros profissionais de saúde mental.⁶⁹

Mudanças na capelania são um pouco menos dramáticas, talvez porque capelães/ãs tenham tido um investimento há mais tempo nos assuntos públicos relacionados aos serviços de saúde, do que os/as conselheiros/as pastorais. Existem, todavia, ainda marcos de avanço na teologia pública e seu reconhecimento. Pela primeira vez, ao findar dos anos 1980 e início de 1990, a *Joint Commision on the Accreditation of Healthcare Organizations* (JCAHO) [Comissão Conjunta de Credenciamento de Organizações de Saúde] requereu das instituições que estabeleçam que elas se preocupem com as necessidades espirituais dos pacientes. Os atuais esforços de *lobby* da parte da *Association of Clinical Pastoral Educators* (ACPE) [Associação de Educadores de Clínica Pastoral], de fato, referem-se exatamente a como esse requerimento pode ser correspondido. De acordo com Teresa Snorton, diretora executiva da ACPE, a organização espera conseguir que JCAHO venha a especificar indivíduos treinados clinicamente como provedores desses serviços.⁷⁰ Similarmente, em anos recentes, a ACPE trabalhou com *Medicare* para estabelecer a educação em clínica pastoral como equivalente à residência médica, no fornecimento de cuidados, e com a federal *Health Care Financing Administration* [A Administração de Financiamento da Saúde Federal], a fim de especificar os cuidados pastorais como uma despesa reembolsável.

⁶⁸ Greenberg Quinlin Research (2000). Disponível em: <<http://www.aapc.org/survey.htm>>.

⁶⁹ Disponível em: <<http://www.mentalhealth.org/cmhs/MentalHealthStatistics/default.asp>>.

⁷⁰ Comunicação pessoal, 01 de agosto de 2002.

Numa sentença final, em 2001, após um processo governamental de quase duas décadas, incluindo debates sobre a separação (HCFA) entre igreja e estado, a HCFA denominou a educação clínica pastoral e os/as conselheiros/as pastorais como profissionais aliados nos serviços de saúde e incluiu-os nos custos permitidos da *Medicare*.⁷¹

Recentemente, as cinco maiores organizações de capelania trabalharam conjuntamente num documento que estabelece o papel da capelania e sua importância nos serviços de saúde pública.⁷² O documento baseia-se em estudos empíricos para demonstrar os benefícios das práticas religiosas em relação à saúde e a diferença positiva feita por capelães/ãs profissionalmente treinados. Também existem mudanças nas maneiras como os/as capelães/ãs interagem com o público. Com o relativamente novo reconhecimento da significância dos cuidados paliativos, médicos e outros se tornaram mais receptivos aos cuidados religiosos oferecidos pelos/as capelães/ãs. O *Journal of Pastoral Care* regularmente publica ensaios deliberando sobre as implicações legais, políticas e morais de dilemas como o suicídio assistido, a retirada de nutrição e hidratação, Aids e os cuidados nos asilos.

Alguns começaram a usar a terminologia de cuidados espirituais, religiosos, ao invés de pastorais, para descrever seu trabalho, não como uma imitação barata de tendências populares, mas para torná-los mais acessíveis ao público mais amplo. Cuidados pastorais são, muitas vezes, equacionados com tradições em particular, enquanto que cuidados espirituais são mais inclusivos das diversas perspectivas.⁷³ É claro que essa mudança na terminologia não está livre de percalços e problemas. A sensibilidade para outras culturas religiosas, por exemplo, requer conhecimento e treinamento. A espiritualidade eclética frequentemente ignora, em seu detrimento, o valor dos compromissos específicos institucionais, comunidades religiosas e as tradições e rituais particulares. Não obstante, o uso do termo cuidado “espiritual” sinaliza um passo rumo a uma atividade mais inclusiva, publicamente acessível, do que cuidado “pastoral”, que tem sido tradicionalmente associado em primeiro lugar com o ministério cristão ordenado.

Implicações para os cuidados, o aconselhamento e a formação pastorais

Quais são algumas das implicações específicas desses passos rumo à teologia pública para a prática dos cuidados pastorais e aconselhamento e a formação de seus profissionais? Dentro da “rede humana viva”, em quem ou em quem o/a cuidador/a centra seu foco – na pessoa ou na rede? Os/as estudiosos/as nesse campo ainda não re-

⁷¹ WHITE, L. Medicare Passthrough Update. *ACPE News*, p. 2-3, March/April 2001.

⁷² VANDERCREEK, Larry e BURTON, Laurel (Eds.). Professional Chaplaincy: Its Role and Importance in Health Care. *The Journal of Pastoral Care*, v. 55, n. 1, 2001, p. 81-97. Disponível em: <<http://www.professionalchaplains.org/index.aspx?id=229>>.

⁷³ Cf. ANDERSON, Herbert. Spiritual Care: The Power of an Adjective. *The Journal of Pastoral Care*, v. 55, n. 3, 2001, p. 233-37; VANKATWYK, Peter L. Pastoral Counseling as a Spiritual Practice: An Exercise in a Theology of Spirituality. *The Journal of Pastoral Care and Counseling*, v. 56, n. 2, 2002, p. 109-119.

solveram plenamente essa pergunta. Por várias décadas, teólogos/as pastorais aprenderam direitinho como ensinar estudantes sobre as intervenções pessoais em meio a crises pastorais. A teologia pastoral gerou programas congregacionais centrados quase que inteiramente nos cuidados individuais, tais como os *Stephen Ministries* ou *Parish Nursing* [enfermagem na paróquia]. Tais programas consomem recursos significativos para atingir uma população necessitada relativamente pequena. Não fazem muita coisa em nível público, tal como desafiar as imagens de Deus que perpetuam os abusos ou lidar com as políticas danosas de saúde e bem-estar.

Aprender como intervir pastoralmente em um nível congregacional, social ou cultural necessita, agora, o mesmo tipo de atenção extensa, discussão e estratégias programáticas. Vai requerer uma aliança mais estreita com outras áreas de estudo, tais como ética social, e investimento em outras formas de prática, tais como formação de redes públicas ou ações da comunidade. Os pastores e as pastoras agora vão ter de saber como analisar os recursos comunitários, entrar e organizar comunidades para ações e equilibrar o ministério para indivíduos em crise e a advocacia social.⁷⁴

Isso apresenta novos desafios na formação pastoral, somando-se à já agora exigente necessidade de entender as dinâmicas intrapsíquicas e interpessoais, a necessidade de compreender o contexto e a identidade social, as políticas e as responsabilidades públicas. A “abordagem intercultural” de Emmanuel Lartey ilustra belamente essa nova tentativa de criar uma ponte entre a sabedoria no “cuidado privado” ou aconselhamento individual, e na “luta pública” ou a práxis da liberação social, como sendo os dois suportes cruciais do livro para um adequado cuidado pastoral.⁷⁵ Diferenciando-se dos textos pré-1990, centrados quase que exclusivamente no anterior, ele investe tempo explorando métodos alternativos que requerem engajamento pastoral em experiências concretas com os pobres, em análise das situações e em transformação social. A obra de Nancy Ramsay sobre a cumplicidade branca sistêmica no racismo endêmico também reflete esse deslocamento de foco e de método. Identificar e resistir ao conluio nos níveis individual, institucional e cultural é um mandato moral dentro da sala de aula, requerendo uma segunda avaliação dos currículos e dos programas de estudo, uma investigação rigorosa da própria história racial e cultural e um firme apanhado de análise social e de modelos de ações antiracismo.⁷⁶

Os programas de treinamento e supervisão clínica certificados pela AAPC, ACPE e outras organizações terão agora de considerar tais métodos como parte do treinamento clínico e determinar novos jeitos pelos quais encorajar e avaliar a auto-consciência da contextualização e da identidade social. A identidade pastoral envolve agora mais do que conscientização intrapsíquica, *insight* psicológico e interpretação religiosa. Exige sensibilidade cultural e política, ativismo social, a compreensão da comunidade como sendo uma instituição social e convicções de fé por vezes proféticas.

⁷⁴ Cf., por exemplo, McWILLIAMS, Frances C. Pushing Against the Boundaries of Pastoral Care: Clinical Pastoral Education in Urban Ministry Settings. *The Journal of Pastoral Care*, v. 50, n. 2, 1996, p. 151-160.

⁷⁵ LARTEY, 1987, p. 103-104.

⁷⁶ RAMSAY, Nancy J. Navigating Racial Difference as a White Pastoral Theologian. *Journal of Pastoral Theology*, v. 12, n. 2, 2002, p. 24-25.

O trabalho próximo ao indivíduo continua; o indivíduo é simplesmente entendido de maneiras novas, possivelmente mais complexas. A psicologia e o aconselhamento permanecem significativos, mas o seu *status* singular mudou. A maioria dos/as teólogos/as pastorais em nossos dias acredita que os/as cuidadores/as pastorais devem acrescentar ao seu repertório outras disciplinas, tais como ciências políticas, economia, sociologia e teorias feministas.⁷⁷ Essas outras disciplinas do conhecimento ajudam a desvendar não apenas como os indivíduos funcionam, mas também como as congregações e o amplo público configuram o indivíduo. Afetar a retórica pública e as questões de políticas que determinam a saúde da rede humana é tão importante quanto tratar dos impedimentos ao bem-estar emocional individual. Isso amplia o escopo da responsabilidade e ação pastorais para além das suas fronteiras convencionais de aconselhamento individual e do cuidado pessoal para a arena pública.

A redefinição da teologia pastoral como teologia pública também significa uma nova delimitação das funções centrais dos cuidados pastorais de curar, sustentar e guiar, como definidas por Hiltner e depois refinadas por William Clebsch e Charles Jaekle, para incluir reconciliação.⁷⁸ Certamente a ênfase na cura do indivíduo, em sustentar, guiar e reconciliar o indivíduo continua de pé como crucial para um bom cuidado pastoral. Contudo, sempre de novo, em publicações da última década, escutam-se novas frases que apontam para um novo conjunto de prioridades com maiores ramificações públicas: resistência, empoderamento e libertação.

Resistência, empoderamento e libertação, tudo isso inclui uma desconstrução das limitadas definições da realidade e a reconstrução de novas visões do mundo e do nosso valioso lugar dentro dele. Mesmo que essas novas funções não substituam as anteriores ou exauram as implicações da teologia pastoral como teologia pública, elas proveem um bom sentido da direção rumo a qual a teologia pastoral como teologia pública aponta os/as cuidadores/as. Essas funções fornecem meios alternativos para conseguir sarar, guiar, sustentar e reconciliar, que requerem novas compreensões e respostas públicas.

Carrol Watkins Ali esteve entre os primeiros a explicitamente arguir que as metáforas prévias são inadequadas quando consideradas dentro do contexto afro-americano. É quase ridículo falar sobre sustento quando muitas mulheres negras pobres encaram questões bem mais sérias de simples sobrevivência. E a reconciliação conforme previamente entendida ignora questões de fundo para compensação pública e correção das injustiças do racismo. Cuidado pastoral visando a reconciliar indivíduos é “premature e fútil até que as injustiças entre negros e brancos tenham sido removidas” e a cultura dominante encontre um caminho para reconhecer e indenizar e expiar

⁷⁷ Cf., por exemplo, COUTURE, 1991; FURNISS, George M. The Forest and the Trees: The Value of Sociology for Pastoral Care. *The Journal of Pastoral Care*, v. 46, n. 4, 1992, p. 349-359, e _____. *The Social Context of Pastoral Care: Defining the Life Situation*. Louisville: Westminster John Knox, 1994; e MILLER-McLEMORE; GILL-AUSTERN (Eds.), 1999.

⁷⁸ HILTNER, Seward. *Preface to Pastoral Theology*. New York: Abingdon, 1958; CLEBSCH, William e JAEKLE, Charles. *Pastoral Care in Historical Perspective*. 2. ed. New York: Aronson, 1983.

as “injustiças desumanizantes dos últimos quatrocentos anos”⁷⁹. A cura individual não pode ocorrer até que, como Wimberley disse há mais de duas décadas, “ocorra na estrutura de toda a sociedade”⁸⁰.

Outros/as teólogos/as pastorais expressaram reivindicações parecidas em situações pastorais de abusos sexuais, violência doméstica e depressão. Nos abusos, um perdão apressado faz um curto-circuito na recuperação e evita a raiva necessária, que merece reconhecimento. Um cuidado pastoral eficaz deve ser “mais amplo do que cuidados para com os/as imediatamente afetados/as”⁸¹. Na depressão, “mensagens culturais e teológicas de inutilidade e fraqueza precisam ser banidas”⁸². E para a mulher que apanhava, a “necessidade básica é o empoderamento”⁸³. Ao passo que esses são meros exemplos, eles representam a linguagem pública que se tornou comum entre os/as estudiosos/as pastorais da última década. É raro encontrar um artigo, hoje, que não se refira à advocacia social ou a um âmbito comum de intervenções que envolvem um maior alcance do que aconselhamento individual, tais como “quebrar o silêncio” dentro das comunidades e, além disso, a confrontação ativa de comportamentos abusivos, falsos estereótipos e situações injustas, educação pública, grupos de apoio, pregações a respeito de passagens bíblicas duras que lidam com essas situações (p. ex., o estupro de Tamar), e um uso pastoral mais consciencioso do ritual e da liturgia em situações públicas de tão largo alcance como as dos abusos, divórcios e educação das crianças.

O trabalho pastoral em novas frentes públicas altera sua posição no que foi estreitamente concebido como a “quarta área” da escola teológica. Como foi definido por Friedrich Schleiermacher, teólogo do século 19, em sua tentativa de criar um espaço para a teologia cristã na universidade moderna, a primeira área é a Bíblia. Muitas escolas nos Estados Unidos, incluindo aquela onde eu leciono, começaram como escolas bíblicas. No círculo de algumas universidades, onde é difícil legitimar os estudos doutorais em religião, a “quarta área”, com sua maior proximidade à igreja, é a primeira a cair fora. Mesmo em seminários independentes, todas as três áreas são em geral consideradas precedentes e mais fundamentais do que a quarta área, que, apesar de duas décadas de protesto, é muitas vezes caracterizada como a aplicação do que foi aprendido nas outras três áreas para a prática ministerial. Em regra, os/as teólogos/as pastorais não têm estado felizes com essa designação, especialmente quando implica marginalização, desmerecimento e trivialização, e ignora a construção teológica que ocorre dentro da teologia pastoral. Afirmando o valor público dos *insights* pastorais – a teologia pastoral como teologia pública – participa mais que imediatamente no protesto contra tais entendimentos errôneos.

⁷⁹ ALI, Carroll A. Watkins. A Womanist Search for Sources. In: MILLER-McLEMORE; GILL-AUSTERN (Eds.), 1999, p. 55.

⁸⁰ WIMBERLY, 1979, p. 21.

⁸¹ RAMSAY, 1991, p. 121.

⁸² NEUGER, Christie C. Women's Depression: Lives at Risk. In: GLAZ; STEVENSON-MOESSNER (Eds.), 1991, p. 158.

⁸³ GARMA, Joann M. A Cry of Anguish: The Battered Woman. In: GLAZ; STEVENSON-MOESSNER (Eds.), 1991, p. 136.

Muitas implicações dessa mudança ainda precisam ser vistas no decurso da próxima década. Enquanto que alguns dos artigos do *Dicionário* refletem alusões iniciais às mudanças descritas neste artigo, desenvolvimentos significativos ocorreram desde sua publicação, que refletem tendências mais amplas na sociedade em geral. Em nossos dias, as mudanças no clima cultural, como ilustradas pela aumentada receptividade da espiritualidade como parte da saúde, abriram um novo espaço público para os cuidados e aconselhamento pastorais. A teologia pastoral permanece responsável por pessoas necessitadas particulares. Porém agora envolve o poder de análise e as construções sociais da autoidentidade, dando voz pública aos socialmente marginalizados e argumentando em favor de entendimentos teológicos alternativos do contexto social como essenciais para cuidados adequados, não apenas nas congregações, mas na sociedade em geral. Sua inigualável contribuição para a teologia pública residirá exatamente em sua capacidade de utilizar o que melhor sabe – a compreensão íntima das experiências religiosas individuais, e sua significância religiosa – para moldar políticas e ideais mais abrangentes.